

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

LUÍZA SAVAGET ALMEIDA

**AS IMPLICAÇÕES DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA
RELAÇÃO PEDAGÓGICA**

BELO HORIZONTE

2016

LUÍZA SAVAGET ALMEIDA

**AS IMPLICAÇÕES DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA
RELAÇÃO PEDAGÓGICA**

Monografia apresentada ao programa de pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Orientadora: Profa. Dra. Maria Teresa de Melo Carvalho.

BELO HORIZONTE

2016

RESUMO

Neste trabalho os conceitos freudianos de transferência, contratransferência e resistência serão apresentados a fim de esclarecer sobre os mecanismos psíquicos envolvidos na relação que se estabelece entre professor e aluno. A partir dessa conceituação, no ato de aprender e no de ensinar, estão implicados fenômenos relacionais que podem ser facilitadores ou empecilhos para a aprendizagem.

Palavras-chave: Psicanálise; relação professor-aluno; transferência; aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
CAPÍTULO 1 – Psicanálise e educação.....	7
CAPÍTULO 2 - Transferência, resistência e contratransferência	11
CAPÍTULO 3 - Considerações sobre os vínculos transferenciais estabelecidos na relação pedagógica	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

INTRODUÇÃO

Os fatores envolvidos no processo de aprendizagem são objeto de investigação de muitas áreas do conhecimento. A relação professor aluno, como protagonista deste processo, é também de grande interesse para a Psicanálise. Enquanto a didática, com seu estudo de métodos e abordagens, procura elucidar objetivamente essa relação, a teoria psicanalítica nos convida a pensar, a partir do conceito de transferência, os dissabores, mal-entendidos e sentimentos ambivalentes que ligam mestres e aprendizes.

Rubem Alves (2004), em "Desejo de ensinar e a arte de aprender", discorre sobre a relação professor aluno e afirma que "Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva" (p.20). Ele continua:

Frequentemente, se aprende uma coisa de que não se gosta por se gostar da pessoa que a ensina. E isso porque - lição da psicanálise e da poesia - o amor faz a magia de ligar coisas separadas, e até mesmo contraditórias. Pois a gente não guarda e agrada uma coisa que pertenceu à pessoa amada? Mas a "coisa" não é a pessoa amada! É, sim, dizem poesia, psicanálise e magia: a "coisa" ficou contagiada com a aura da pessoa amada. (Alves, p. 34, 2004)

Dessa maneira, tratar do processo educativo implica em destacar a figura do professor como aquele que é, muitas vezes, convocado a ocupar um papel que transcende a prática pedagógica.

O conceito de transferência, desenvolvido por Freud ao longo de sua obra, nos ajuda a compreender o lugar especial e o poder de influência concedido aos professores pelos alunos. Na transferência que se estabelece na relação pedagógica está implicado um desejo dos alunos depositados em seus mestres. O desejo que move a transferência é processado no inconsciente e isto faz com que o aluno não saiba dele e nem como ele se realiza. O professor somente pode responder sem ser tocado por esse movimento se estiver atento e ciente da existência e do funcionamento da transferência. Caso contrário, fica sujeito a responder ao movimento transferencial, a partir da contratransferência.

Nesse trabalho, no primeiro capítulo, será apresentada as sucintas reflexões freudianas sobre a relação entre a psicanálise e a educação e a contribuição de autores contemporâneos para a distinção dos objetivos práticos

dessa disciplina em relação à Educação Tradicional. No segundo capítulo, serão apresentados os conceitos de transferência, contratransferência e resistência, fundamentais para a compreensão do vínculo que se estabelece no contexto educacional. Posteriormente, uma breve distinção entre a ocorrência dos fenômenos transferenciais com o analista/analizando e o professor/aluno esclarece os diferentes efeitos desse fenômeno. Por fim, no terceiro capítulo, serão discutidas as consequências da transferência para a relação pedagógica.

CAPÍTULO 1

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

A relação professor-aluno e os seus atravessamentos recorrentes na educação tem sido objeto de análise de diversos campos do conhecimento como a Pedagogia, a Filosofia e a Psicanálise. Apesar de nunca ter escrito nenhum texto sobre educação, Freud, em "Prefácio à juventude desorientada, de Haichhorn" (1925/1957g) sinaliza que "nenhuma das aplicações da psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças, e nenhuma, por conseguinte, atraiu tantos colaboradores capazes, quanto seu emprego na teoria e na prática da educação" (p.341).

Segundo Schmidt (2007), apesar de Freud ter sinalizado a grande contribuição da psicanálise para o campo educacional, o autor não desenvolveu nenhuma reflexão mais ou menos sistemática sobre os fins e meios da educação ao longo de sua obra. Além disso, Freud também não propôs nenhuma meta ou patamar de desenvolvimento, e nenhum padrão de comportamento ou nível de performance a serem atingidos pelas crianças a partir de intervenções dos adultos.

Em "Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise - Conferência XXXIV" (1933/1987h) Freud aponta que a função essencial da educação seria levar o indivíduo a assimilar os resultados da longa evolução cultural que teve lugar na sociedade, aprendendo a controlar seus instintos, em sua maioria "associais e perversos" (palavras do autor). Assim, examinando a "tarefa primeira da educação", ele apresenta:

A criança deve aprender a controlar seus instintos. É impossível conceder-lhe liberdade de pôr em prática todos os seus impulsos sem restrição. Fazê-lo seria um experimento muito instrutivo para os psicólogos de crianças; mas a vida seria impossível para os pais, e as próprias crianças sofreriam grave prejuízo, que se exteriorizaria, em parte, imediatamente, e, em parte, nos anos subsequentes. Por conseguinte, a educação deve inibir, proibir e suprimir, e isto ela procurou fazer em todos os períodos da história (Freud, 1933/1987h, p. 147).

Já em 1913, em "O interesse educacional da psicanálise", sobre a importância do conhecimento da Psicanálise pelos educadores, Freud escreve:

O interesse dominante que tem a psicanálise para a teoria da educação baseia-se num ato que se tornou evidente. Somente alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las (...) (Freud, 1913/1987e, p.190).

Destacada a importância significativa do conhecimento da teoria psicanalítica e sua aplicação na área da educação, uma advertência de Freud (1925/1987g) merece ser salientada:

O trabalho da educação é algo *sui generis*: não deve ser confundido com a influência psicanalítica e não pode ser substituído por ela. A psicanálise pode ser convocada pela educação como meio auxiliar de lidar com uma criança, porém não constitui um substituto apropriado para a educação. Tal substituição não só é impossível em fundamentos práticos, como também deve ser desaconselhada por razões teóricas. (Freud, 1925/1987g, p.342)

Nesse fragmento o autor nos alerta para o trabalho singular e próprio da educação e a impossibilidade de sua substituição pela psicanálise. Segundo Millot (1979, p.157, citado por Kupfer, 2007, p.9) "A psicanálise não pode interessar à educação salvo no próprio campo da psicanálise, isto é, pela psicanálise do educador e da criança".

Kupfer (2007) reforça:

Do ponto de vista teórico epistemológico, sabemos que a pedagogia e a psicanálise são duas disciplinas que se opõem em estrutura. (...) As propostas de mesclar o "emocional" com o "cognitivo" passam a quilômetros de distância de uma psicanálise do sujeito radicalmente dividido, que não pode assimilar nada parecido com a proposta de uma inteligência emocional integradora e apaziguadora. (Kupfer, 2007, p.19)

As diferentes perspectivas sobre o sujeito, mudam a maneira como a psicanálise e a educação irão enxergá-lo e, conseqüente, tentarão tratá-lo.

A chamada Educação Tradicional, que recebe fortes influências dos modelos prussianos e ganha corpo no contexto da Revolução Industrial, instala o projeto disciplinar nas escolas. A infância passa a ser vista como uma idade fraca, e as crianças precisam de limites. A disciplina aparece como um importante instrumento de controle e poder, atribuindo autoridade superior aos mestres. As crianças são esvaziadas de sua essência singular, e o objetivo passa a ser homogeneizá-las seguindo padrões produtivos da época. Para isso,

era preciso um máximo controle dos corpos e comportamentos, a partir de uma vigilância constante e da organização estratégica do espaço, facilitando o condicionamento e a massificação. (Lima, 2009)

Apesar das várias influências de diferentes abordagens pedagógicas na atualidade (Construtivismo, Sócio-interacionismo, abordagem progressista), a Educação Tradicional ainda é fortemente presente. Nesse modelo, o sujeito contemplado é o sujeito do conhecimento, cognitivo, passível de mensuração. Já o sujeito no qual se ocupa a psicanálise é o sujeito do inconsciente enquanto manifestação única, singular, não mensurável e que, por essa razão, não pode fazer parte do concretamente observável.

A partir dessas concepções distintas, podemos pensar que o único casamento possível entre as duas disciplinas, pedagogia e psicanálise, seria o de uma "educação psicanaliticamente orientada" (Kupfer, 2007, p.30). Dessa maneira, a psicanálise deve então ser vista como uma teoria que nos ajuda a pensar a educação.

Giaretta (2009) propõe que a maior contribuição da psicanálise à educação é sua própria existência como teoria, a qual pode servir ao educador – como serviu para a cultura - para ampliar sua visão sobre os fenômenos psíquicos, o desenvolvimento infantil e influenciar o modo dos educadores de conceber, pensar e agir diante de seus alunos.

Com isso, é possível pensar que a Psicanálise serve ao professor como indivíduo, e de modo algum à Pedagogia como um todo, como uma técnica. Ela ajuda na assimilação de uma ética, de um modo de conduzir a educação e de vislumbrar os alunos em suas singularidades e limitações.

Enquanto a Educação Tradicional é guiada por um viés objetivo, com seus estudos sobre métodos e abordagens, a Psicanálise quer contribuir para uma educação que seja capaz de dar, cada vez em maior medida, respostas às necessidades educacionais particulares de seus alunos. Dessa maneira, como propõe Couto (2007), a escuta psicanaliticamente orientada dos sujeitos aprendizes sobre suas queixas escolares, por exemplo, pode ganhar significados diferentes, de acordo com a particularidade de cada caso. A partir da singularização dessas queixas escolares, ou seja, a escuta particular de cada

caso, torna-se possível localizar os motivos singulares que levam um sujeito a fracassar ou ter sucesso em seu processo educacional, bem como reconhecer a participação de cada um dos envolvidos na produção dessas questões: a escola, os professores, a família e o próprio sujeito.

Considerando como protagonista da educação a relação professor-aluno e entendendo a aprendizagem como um processo altamente influenciado por essa relação singularizada, nos ateremos adiante a pesquisar os conceitos freudianos de transferência, resistência e contratransferência e os efeitos desses fenômenos na relação pedagógica.

CAPÍTULO 2

TRANSFERÊNCIA, RESISTÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA

Uma das grandes contribuições da psicanálise, no nível da análise da situação pedagógica, é a compreensão da relação professor e aluno. Essa relação que vai se estabelecer não é apenas baseada na transmissão do conhecimento. Buck e Santos (2009) apresentam que o ato de aprender é completamente atravessado por essa relação que se estabelece e esse atravessamento ocorre sob a dinâmica da transferência.

O termo transferência não é exclusivo da psicanálise. É uma expressão utilizada em variados campos, denotando uma ideia de transporte, de deslocamento, de substituição de um lugar para outro. A teoria freudiana o transforma em conceito e reconhece nesse fenômeno um elemento fundamental no transcorrer do tratamento analítico. Trata-se de um fenômeno psíquico presente em todas as relações humanas: médico e paciente, professor e aluno, mestre e discípulo etc.

Em 1895, no artigo "A psicoterapia da histeria", Freud apresenta pela primeira vez o termo *transferência* em um sentido psicanalítico. Ele entende, nesse momento, que a transferência ao médico se tratava de uma "falsa ligação" feita pelo paciente. Dessa maneira, seria como se a relação analítica fosse vivida como uma substituição na qual o desejo reprimido outrora pelo paciente fosse associado à figura do analista. Como se o analista do presente fosse então ligado a um afeto do passado.

Este conceito voltou a ser retomado em "A interpretação dos sonhos" (1900/1987b). Freud acreditava que alguns acontecimentos do dia, nomeados como restos diurnos, eram *transferidos* para o sonho e modificados por ele. Assim, percebemos que o sentido agora do termo é de *deslocamento*, e não mais como um fenômeno subjetivo, como apresentado em 1895. Segundo Kupfer (1989), posteriormente à introdução apresentada no artigo de 1900, Freud começou a perceber que a figura do analista também funcionava como um resto diurno, sobre o qual o paciente transferia antigas imagens que se relacionavam com vivências que ele havia tido com outras pessoas em sua primeira infância, na maioria das vezes, essas pessoas eram seus pais.

Freud (1912/1987c) em "A dinâmica da transferência" apresenta a ideia de que cada pessoa através das influências sofridas nos primeiros anos de vida acrescido de sua disposição inata, forma um modelo específico e particular de se conduzir ao longo da vida erótica. A esse modelo, ele atribui o nome de clichê estereotípico.

Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra com ideias libidinais antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de se tornar consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota na formação dessa atitude. Assim, é perfeitamente normal e inteligível que a catexia libidinal de alguém que se acha parcialmente insatisfeito, uma catexia que se acha pronta por antecipação, dirija-se também para a figura do médico. Decorre de nossa hipótese primitiva que esta catexia recorrerá a protótipos, ligar-se-á a um dos clichês estereotípicos que se acham presentes no indivíduo; ou, para colocar a situação de outra maneira, a catexia incluirá o médico numa das 'séries' psíquicas que o paciente já formou. (Freud, 1912/1987c, p. 134).

Esse modelo seria repetido constantemente ao longo da vida e, a partir dele, é provável pensar que o investimento libidinal, que não foi devidamente satisfeito, pode se dirigir para a figura do analista, buscando sua satisfação.

A psicanálise nos mostrou que as atitudes emocionais dos indivíduos para com as outras pessoas que são de extrema importância para seu comportamento posterior, já estão estabelecidas numa idade surpreendentemente precoce. A natureza e a qualidade das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto, já foi firmada nos primeiros seis anos de sua vida. Ela pode posteriormente desenvolvê-las e transformá-las em certas direções, mas não pode mais livrar-se delas. As pessoas a quem se acha assim ligada são os pais e irmãos e irmãs. Todos que vem a conhecer mais tarde tornam-se figuras substitutas desses primeiros objetos de seus sentimentos. (...). Seus relacionamentos posteriores são assim obrigados a arcar com uma espécie de herança emocional, defrontam-se com simpatias e antipatias para cuja produção esses próprios relacionamentos pouco contribuíram. Todas as escolhas posteriores de amizade e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos. (Freud, 1914/1987f, p.287)

Importante ressaltar que a transferência não é, em nenhum momento, percebida pelos sujeitos. Ou seja, trata-se de uma manifestação inconsciente.

Nas palavras de Kupfer (1989) "Entendida como a repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de atualidade acentuada, nada impede que a transferência se dirija ao analista ou a qualquer outra pessoa" (p.88). Assim, um professor poderia tornar-se a figura a quem são endereçados os interesses de seu aluno porque seria objeto de transferência.

Quando a transferência se aloja na relação professor-aluno, este irá atribuir ao professor um sentido especial, determinado então pelo seu desejo. Dessa maneira, o professor se torna depositário de algo conferido pelo desejo do aluno. Kupfer (1989) descreve a relação transferencial: "(...) o analista ou o professor, colhidos pela transferência, não são exteriores ao inconsciente do sujeito, mas o que quer que digam será escutado a partir desse lugar onde estão colocados. Sua fala deixa de ser objetiva, pois é escutada 'através' dessa especial posição que ocupa no inconsciente do sujeito" (p.92) e continua "na relação professor-aluno, a transferência se produz quando o desejo de saber do aluno se aferra a um elemento particular, que é a pessoa do professor" (p.91).

Em uma sala de aula, o professor seria o objeto de admiração ou idealização do aluno, estabelecendo um vínculo que poderia propiciar o surgimento de sentimentos amistosos ou não.

Sobre a diferenciação dos sentimentos consequentes da transferência Freud (1912/1987d) apresenta: "temos de nos resolver a distinguir uma transferência 'positiva' de uma 'negativa', a transferência de sentimentos afetuosos da dos hostis e tratar separadamente os dois tipos de transferência para o médico" (p.140). Ainda sobre a transferência positiva, Freud (1912/1987d) afirma que ela se compõe de sentimentos amistoso e afetuoso que são admitidos na consciência e outros sentimentos, cujos prolongamentos são encontrados no inconsciente, e que, frequentemente, parecem remontar a fontes eróticas.

Para Buck e Santos (2009) caso a transferência estabelecida entre professor e aluno seja positiva, os sentimentos amistosos do aluno dirigidos à figura do professor, podem servir de estímulo à dedicação do estudante em cumprir com suas obrigações e empenhar-se na aula daquele determinado professor. No caso de estabelecer-se uma transferência negativa, os

sentimentos abarcados poderiam funcionar como um entrave para o sucesso da aprendizagem, já que o aluno demonstraria um desinteresse e até mesmo uma possível agressividade para com a figura do professor.

Assim, considerando uma transferência negativa ou positiva - oriunda de impulsos eróticos reprimidos -, entraremos no campo da resistência, que vai remeter, de maneira geral, às forças que se opõem ao processo analítico e ao acesso do analista ao inconsciente do analisando. (Laplanche, 1996).

O conceito de resistência é usado por Freud (1912/1987d) para se referir aos obstáculos que se impõem ao tratamento psicanalítico e impedem que o processo de análise dê prosseguimento. Esses obstáculos seriam formas de o sujeito defender o seu sintoma através da transferência, nomeada então pelo autor como *resistência transferencial*.

Assim, Cesário (2011) esclarece que as proposições dadas pela resistência e pela transferência

(...) localizam que a resistência usa a transferência e, conseqüentemente a satisfação pulsional aí envolvida, para manter os laços pulsionais presentes no sintoma. A transferência que deveria ser a mola propulsora do tratamento por atualizar os laços sexuais infantis e fornecer condições para que se opere uma mudança desses laços, passa a se configurar como obstáculo ao tratamento. Pois, a transferência ao ser usada pela resistência, passa a ser uma forma de o sujeito burlar as investidas clínicas contra o sintoma. (Cesario, 2011, p.2)

Nesse sentido, Freud afirma que ao perceber que a resistência se utiliza da transferência "fica-se com a impressão de que a resistência está agindo como um *agent provocateur*; ela intensifica o estado amoroso do paciente e exagera sua disposição à rendição sexual, a fim de justificar mais intensificamente o funcionamento do recalque" (Freud, 1912/1987d, p. 180).

Morgado (1995) adverte que "quando não reage contratransferencialmente às demandas amorosas do paciente, o analista pode provocar sua ira ou, então, seu repentino desinteresse. Ele, que vinha cooperando entusiasticamente com o tratamento, ao sentir-se traído em sua paixão, procurará obstruí-lo." (p.96).

Se cremos haver na educação a ocorrência da transferência, somos levados a acreditar também na ocorrência da contratransferência. O professor, diante da manifestação transferencial de seu aluno, pode ser tomado por reações inconscientes que escapem de seu autocontrole.

São raras as passagens ao longo de sua obra em que Freud se refere ao termo contratransferência. Em "As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica" (1910/1987c), na primeira vez que o termo aparece, ele defende que a transferência é vivida pelo paciente ao mesmo tempo que a contratransferência é vivida pelo analista. A contratransferência é então definida como sendo a influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes do analista, o qual deveria não apenas reconhecê-la, mas, sobretudo, dominá-la.

Em "A dinâmica da transferência" (1912/1987d) Freud acrescenta que a contratransferência acontece quando o analista faz de seu inconsciente o órgão receptor na direção do inconsciente transmissor do paciente.

A contratransferência pode ser vista, segundo Soares (2009), como uma espécie de resistência do analista em relação ao seu paciente e, ainda, como um obstáculo à sua compreensão. Dessa forma, o modo como o analista lida com os seus próprios processos internos pode interferir no sucesso ou fracasso da análise de um paciente.

Assim, pensando em toda a dinâmica da transferência também contemplada na relação professor/aluno, podemos pensar que a contratransferência poderia impulsionar o aluno à aprendizagem ou não, conforme houvesse por parte do professor uma "escolha" por determinados alunos para o depósito de suas demandas emocionais, sendo elas positivas ou negativas.

· **Analista/analizando x professor/aluno**

A partir da conceituação dos termos psicanalíticos transferência, resistência e contratransferência, nos parece importante realizar uma breve distinção da ocorrência destes fenômenos no contexto analítico bem como no contexto educacional.

Como já visto, o lugar da análise "é o lugar em que os conflitos intrasubjetivos, restos das relações intersubjetivas da infância, reais ou fantasísticas, vão de

novo manifestar-se numa relação aberta à comunicação" (Laplanche, 1996). A partir da manifestação destes conflitos, o analista, alvo da transferência, atua vislumbrando que o essencial do conflito infantil está em questão. Analisando a partir da transferência, o analista foca na possibilidade de que, quanto mais o analisando puder se libertar de seus fantasmas do passado, melhores condições terá para desenvolver relações atuais mais satisfatórias. O resultado dessas intervenções seria um sujeito mais conhecedor de seus próprios processos psíquicos.

Já na relação pedagógica, segundo Wels (2015), a medida que os professores conhecem o conceito de transferência, um melhor manejo das relações que ocorrem em sala de aula pode ser viabilizado. Esse espaço pode ser agora vislumbrado como palco de subjetividades em conflito e interação, e alvo de jogos de poder.

Cientes do lugar que ocupam na relação transferencial com seus alunos e da dimensão do efeito deste fenômeno para a aprendizagem, os professores podem se colocar como um interlocutor qualificado no sentido de participarem de modo mais consciente nesta relação, sem deixar de exercer a sua função.

Sob a ótica da psicanálise, é de fundamental importância ouvir o aluno na sua individualidade para que a palavra seja resgatada em toda a sua autenticidade a partir das diferenças. (...) [O professor] poderá, através de uma ética, que leva em conta os fenômenos inconscientes presentes na sua relação com os alunos, ajudá-los a avançar diante das muitas questões que os mesmos encontram no curso de sua trajetória escolar. (Nunes, 2004)

Caso o professor não tenha consciência do campo transferencial estabelecido na relação com o aluno, ele poderá apresentar uma prática pedagógica contraditória, na qual ora ensina e ora reage inconscientemente à transferência do aluno (Morgado, 1995). Para continuar como mediador, o professor deve reconhecer os sentimentos transferenciais do aluno, porém não responder tocado por eles. Ao contrário, o professor deve insistir na tarefa de ensinar, canalizando as energias fixadas do aluno para a atividade intelectual.

CAPÍTULO 3

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS VÍNCULOS TRANSFERENCIAIS ESTABELECIDOS NA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

É difícil dizer se o que exerceu mais influência sobre nós e teve importância maior foi a nossa preocupação pelas ciências que nos eram ensinadas, ou pela personalidade de nossos mestres” (Freud, 1914/1987f, p. 248).

Com esta frase, Freud introduz a importância da relação professor-aluno para um desempenho escolar satisfatório. E continua: “Alguns detiveram-se a meio caminho dessa estrada e para uns poucos – porque não admitir outros tantos – ela foi por causa disso definitivamente bloqueada” (Freud, 1914/1987f, p. 248).

Tratar do processo educativo, dessa maneira, implica em destacar a figura do professor como aquele que, em uma perspectiva psicanalítica, é convocado a ocupar um lugar em relação ao aluno que transcende a prática pedagógica.

Na escola, os professores, nas palavras de Freud (1914/1987f), passam a ser

Nossos pais substitutos. Foi por isso que, embora ainda bastante jovens, impressionaram-nos como tão maduros e tão inatingivelmente adultos. Transferimos para eles o respeito e as expectativas ligadas ao pai onisciente de nossa infância e depois começamos a tratá-los como tratávamos nossos pais em casa. Confrontamo-los com a ambivalência que tínhamos adquirido em nossas próprias famílias, e, ajudados por ela, lutamos como tínhamos o hábito de lutar com nossos pais em carne e osso. (Freud, 1914/1987f, p.249)

Essa relação instaurada no contexto pedagógico a partir dos preceitos da transferência, implica diretamente em uma relação ambivalente, ora de amor, ora de aversão. A figura pessoal do professor vai exercer para o aluno uma função que, como vimos outrora, vai substituir as figuras parentais, representando um lugar de idealização, de saber, de poder.

Para Nunes (2004) as projeções depositadas no professor pelo aluno, são alheias a sua figura enquanto pessoa, pois representam vestígios do inconsciente do aluno em relação às suas relações primárias. Dessa maneira, é também conferido ao professor um poder que caracteriza sua autoridade, não sendo esta imposta ao aluno e sim outorgado ao professor pelo próprio aluno.

Essa posição de saber e de autoridade só é atribuída ao professor porque ele representa um lugar especial e tem um poder de influência sobre o aluno.

Segundo Morgado (2002), é justamente a autoridade incluída no processo transferencial, que estrutura a relação pedagógica. Essa autoridade concedida ao professor deveria ser estritamente pedagógica e derivar de seu domínio dos conteúdos, o fazendo assim mediador entre o aluno e um saber elaborado. Caso essa mediação privilegie o intercâmbio dos afetos inconscientes de ambas as partes, trata-se de uma inadequação da relação: a autoridade pedagógica seria substituída por uma autoridade primordial e prototípica, colocando o professor no lugar da lei e da ordem, e não do conhecimento. Nessa situação, o aluno ficaria vinculado à figura do professor, e não ao saber, o que nada contribui para a transmissão e a aprendizagem de fato.

O professor deve renunciar à posição de possuir todo o saber e posicionar-se como mediador entre o aluno e o conhecimento. A posição e o discurso que o professor assume é o que vai determinar se o seu ato pedagógico transmite unicamente um saber estabelecido ou se desperta no aluno o desejo de saber.

No ambiente escolar o professor deve estar ciente que, inevitavelmente, será colocado no lugar de ideal do eu sob a forma de admiração por seus alunos, tal como eles, no passado, colocaram seus pais. Apesar de não poder renunciar a esse movimento, pois ele parte do aluno, o professor deve ser capaz de reconhecê-lo e não utilizá-lo em benefício próprio, mas sim em benefício do incremento do desejo de saber por parte do aluno. Para Soares (2009),

A tendência é o professor fazer uso do lugar e do poder que lhe são conferidos para impor ao educando suas ideias e valores, ou seja, impor o próprio desejo. Cedendo a essa tentação, cessa o poder desejante do aluno, e este ficará aprisionado ao desejo do professor, tolhido no seu crescimento e autonomia intelectual. (Soares, 2009, p.49)

Kupfer (2007) explica que, mesmo ciente que seu aluno esteja marcado por inscrições primordiais que "darão sempre o norte de seu percurso pelo mundo" (Kupfer, 2007, p.125) e sobre os quais ele nada pode fazer, o professor deve educar levando em conta estritamente o sujeito, considerando que, apesar destas marcas, nada da aprendizagem do aluno está pré-determinada.

É a existência de uma relação diádica que permite ao professor usar a si mesmo como instrumento de aprendizagem, de uma maneira análoga àquela em que o analista se usa como instrumento em uma análise, utilizando-se da transferência e de seus efeitos a favor do processo pedagógico.

CONCLUSÃO

A educação ocorre a partir do encontro entre dois desejos: o de ensinar e o de aprender. A psicanálise, com suas formulações teóricas sobre a dinâmica da transferência, permite uma análise mais efetiva sobre esse encontro e a relação estabelecida entre professor e aluno.

Assim como em toda relação humana que é mediada e organizada por fatores inconscientes e conscientes, na relação professor-aluno também ocorrerá a interferência destes fatores. A possibilidade de os professores reconhecerem a existência de fatores inconscientes favorece o processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, aprimora sua qualidade. Dessa maneira, o educador entende que não tem total controle sobre os efeitos que irá produzir em seus alunos; não conhece as muitas repercussões inconscientes de sua presença e de seus ensinamentos. “Pensar assim leva o professor a não dar tanta importância ao conteúdo daquilo que ensina, mas a passar a vê-los como a ponta de um iceberg muito mais profundo, invisível aos seus olhos” (Kupfer, p. 97, 1989).

O professor é formalmente investido de autoridade pelos alunos quando estes supõem que o educador poderá provê-los de conhecimento. Além disso, serve de modelo identificatório, não somente em relação à sua figura personificada, mas também pelo saber que representam. Sustentar, no entanto, essa posição é fazer a manutenção de um lugar inalcançável de uma relação para sempre polarizada entre quem tem o saber e quem deseja obtê-lo. Quando o professor se retira da posição de detentor do saber, porque também tem limitações, e faz uso do papel a ele atribuído, através da transferência, para mediar o processo de aprendizagem, ele auxilia na construção do conhecimento pelo próprio aluno.

O educador que se encaminha para a situação de ensino consciente do lugar que a ele será atribuído por seus alunos através da transferência, se torna mais habilitado a resistir e não se confundir pelas intensas demandas afetivas. Segundo Morgado (1995), a quase totalidade dos afetos envolvidos no encontro professor e aluno se referem às construções inconscientes oriundas do campo transferencial e, por isso, a autora adverte os educadores que estejam cientes

de que somente uma pequena parte dos afetos compartilhados na relação pedagógica dizem respeito à situação concreta.

Para Kupfer (1989), se um professor souber aceitar essa "canibalização" (termo da autora) feita sobre ele e o seu saber estará contribuindo para uma relação de aprendizagem mais autêntica. Assim, pela via da transferência, o aluno "passará" pelo educador, usá-lo-á e terá, como extrato, um saber do qual tomou verdadeiramente posse.

Considerando a singularidade de seus alunos e abrindo lugar para a palavra de cada um, o professor permite a construção de um sentido individual para o conhecimento dentro de um espaço coletivo.

A educação à luz da Psicanálise favorece a valorização dos processos singulares de cada um dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico e permite um manejo mais consciente dos fenômenos que podem favorecer ou dificultar a construção da aprendizagem.

Na contramão da Educação Tradicional que massifica os sujeitos, uma prática pedagógica orientada pelo olhar da psicanálise, que opera justamente a partir da singularidade, irá permitir um processo educativo mais significativo e respeitoso. O professor, ciente dos fenômenos que podem favorecer ou dificultar o processo de aprendizagem, deve assumir sua função mediadora a favor da curiosidade, criatividade e criticidade dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

Alves, Rubem. (2004). O desejo de ensinar e a arte de aprender. Campinas: Fundação Educar.

Buck, Marina Bertone; Santos, José Wellington dos. (2009). A transferência na sala de aula. Revista científica eletrônica de psicologia, a. VII, n. 13, nov. 2009. Disponível em: http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/NEMFQLP7yQITDCm_2013-5-13-14-52-58.pdf. Acesso em: 29 de out. 2016.

Cesário, Carla Grazielle. (2011). Resistência: um obstáculo no caminho da psicanálise? Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Trabalhos/11.pdf>. Acesso em: 26 de out. 2016.

Couto, Margaret Pires do. (2007). Psicanálise e educação: uma investigação das queixas escolares. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Psicologia da Educação nº1/25. São Paulo: EDUC.

Franco, A. & Albuquerque, C. (2010). Contributos da Psicanálise para a Educação e para a Relação Professor – Aluno. Centros de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde do Instituto Politécnico de Viseu. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium38/13.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2016.

Freud, S. (1987a). A psicoterapia da histeria. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. II. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895).

Freud, S. (1987b). A interpretação dos sonhos. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. V. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).

Freud, S. (1987c). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).

Freud, S. (1987d). A dinâmica da transferência. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912).

Freud, S. (1987e). O interesse educacional da psicanálise. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, S. (1987f). Algumas considerações sobre a psicologia do escolar. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).

Freud, S. (1987g). Prefácio a Juventude Desorientada, de Aichhorn. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925).

Freud, S. (1987h). Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise. Conferência XXXIV: explicações, aplicações e orientações. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).

Giaretta, Vanessa. (2009). Algumas contribuições da Psicanálise para a educação infantil. Monografia (Conclusão da graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/27638>. Acesso em: 25 de out. 2016.

Kim, Leila Maria Vieira. (2008). Estudo da contratransferência do professor na inter-relação com o grupo de alunos. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: 10.11606/T.47.2008.tde-28042009-083456. Acesso em: 10 de out. 2016.

Kupfer, Maria Cristina. (1989). Freud e a educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione.

Kupfer, Maria Cristina. (2007). Educação para o futuro: psicanálise e educação. São Paulo: Escuta.

Laplanche, J; Pontalis, J. B. (1996). Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes.

Lima, Nádia Laguárdia. (2009). Disciplina, violência e questões éticas no contexto escolar: uma leitura dos fenômenos escolares a partir de Foucault. Texto.

Monteiro, Elisabeth Aparecida. (2002). A transferência e a ação educativa. *Estilos da Clínica*, 7 (13), 12-17. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/estic/article/download/61039/64063>. Acesso em: 31 de out. 2016.

Morgado, M. A. (1995). Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes. São Paulo: Plexus.

Nunes, Marcia Regina Mendes. (2004). Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência. In: COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP, São Paulo. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000032004000100040&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 29 out. 2016.

Schmidt, Gleisson Roberto. (2007). Freud e a educação: um percurso entre os ideais da psicoprofilaxia e da educação psicanaliticamente esclarecida. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-011-05.pdf>. Acesso em: 31 de out. 2016.

Soares, Jácia Maria. (2009). A transferência no processo pedagógico: quando fenômenos subjetivos interferem na relação de ensino-aprendizagem. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-84GTXZ/disserta__o_jacia.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 out. 2016.

Tarelho, Luiz Carlos. (2012). A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 45, n. 83, p. 97-107, dez. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352012000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2016.

Zimerman, David E. (1999). Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed.

Wels, É. (2015). Entre a Transmissão e a Transferência: implicações éticas, pedagógicas e psicanalíticas da relação mestre-aprendiz no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. *Pandaemonium Germanicum*, 18(25), 168-183. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-88371681835>. Acesso em: 02 nov. 2016.